



EU CONTRA ELE NAS CAVERNAS DE MINAS

Texto: Joel Rufino dos Santos

Xilogravuras: Samuel Casal

Editora Rovellet

Escrito por Joel Rufino dos Santos (1941-2015) – escritor e historiador, uma das mais importantes referências em cultura negra no país – e ilustrado com xilogravuras por Samuel Costa, *Eu contra ele nas cavernas de Minas* é uma aventura que se inscreve no gênero do realismo fantástico. Faz uso de elementos e citações da realidade cotidiana atrelados a acontecimentos e situações incomuns. O fantástico está presente nas lendas e nos contos de fada, nos mitos antigos, nas histórias em quadrinhos e também nos filmes de ficção científica e terror.

Antes da leitura

Será um desafio trabalhar a compreensão desse livro se os alunos não tiveram experiências anteriores com a literatura fantástica. Considere essa dificuldade e planeje cuidadosamente as etapas das aulas de leitura.

Inicie com a apresentação do livro. Mostre as capas e o interior do livro, página por página. Peça aos alunos que observem os desenhos fortes, em branco e preto, e os detalhes gráficos, como os morcegos da página de abertura e a representação do átomo na página da dedicatória. Indague qual terá sido a intenção dessa representação do átomo. O livro é dedicado à Victoria Garbayo, neta do autor.

Sugira a eles que comparem as ilustrações desse livro com as ilustrações das obras *O sinal do pajé*, de Daniel Munduruku, e *Contos ao redor da fogueira*, de Rogério Andrade Barbosa. Diga para observarem as cores, os grafismos, a delicadeza ou não dos desenhos.

Leia para a classe as últimas páginas do livro, a seção “Sobre o design”. Comente a riqueza de informações descritas.

Fale do ilustrador Samuel Casal – as informações estão na seção “O Ilustrador”, no final do livro.

Apresente o autor, Joel Rufino dos Santos, lendo e comentando para a classe a seção “O Autor”.

Durante a leitura

Depois da cuidadosa apresentação, inicie a leitura do livro em voz alta. Comente com os alunos que eles poderão achar a narrativa diferente e até estranha. Explique que esta é uma característica da literatura fantástica.

Um dos estranhamentos, por exemplo, pode ocorrer em relação ao nome dos personagens. Um se chama “eu”, e o outro “ele”: Eu era seu nome. (p. 14)

— Antes de mais nada, como você se chama?

— Ele é o meu nome – respondeu o morcego. (p. 16)

Faça uma síntese para a classe:

O sol já se põe quando mais um mutirão chega ao fim na fazenda Monteiro. Os vizinhos das redondezas ajudaram a capinar o terreno e o farto banquete oferecido por Dom Abelardo Monteiro está prestes a ser servido quando um desconhecido surge. Ninguém o conhecia. Era de mato da cabeça aos pés.

Sentindo-se ameaçados, os rapazes pegam enxadas e cercam o estranho, que confessa não ser da roça. Debochando do trabalho honesto, ele diz que foi até lá só para comer e dançar. Encurrulado, o sujeito foge, e é instaurada uma busca pelo estranho.

Um anúncio colocado no jornal, divulgando a generosa recompensa pela prisão do pilantra, atrai caçadores até do exterior. Um jovem caçador se interessa pela recompensa e embarca numa aventura pelo tempo e pelo espaço, cruzando com diversos personagens da literatura e testemunhando episódios marcantes da história.

Quem era o capeta verde? O Doutor Sabará explicou que ele era o espírito vegetal produtor da morte (p. 13). Que fim terá essa perseguição?

Comece a leitura em voz alta para a classe. Faça pausas para comentar trechos e ajudar os alunos na compreensão da história. Explique os personagens da literatura e episódios históricos que participam do enredo.

Mostre o humor que há, por exemplo, nas palavras inglesas traduzidas para o português: chópingue (p. 21); flechilaite (p. 18). Ou nesta outra passagem:

O encontro com o poeta CDA:

— ... Por que o senhor diz u'a moça, em vez de uma moça, como todo mundo? (p. 21)

— Sou poeta.

[...]

— Só lhe digo minhas iniciais: CDA. O senhor mesmo ponha resposta. (p. 21)

No caso, o autor faz alusão, provavelmente, a Carlos Drummond de Andrade. Explique o engraçado diálogo de “eu” com Marília de Dirceu, uma referência ao poema escrito por Tomás Antônio Gonzaga no século XVIII (p. 22-3).

O caminho do tempo, pois era esse que eu tomara, descia sempre. Eu iluminava o chão para não cair. Com pouco, ouviu uma voz tristonha: “Ai, ai, beleza, toda a vida eu fui assim, ai, ai, beleza, você tenha dó de mim”. Apontou a lanterna, antigamente chamada flechilaite, e viu u’a moça loira cozendo.

- Em que posso ajuda-la?
- Há anos ele não dá notícia.
- Ele quem?
- Meu noivo.
- Para onde ele foi?
- Para a África.
- Muito, muito triste. Qual é o seu nome?

A moça não era linda. Pegou um caderno, abriu numa página.

- Olha o que Dirceu escreveu pra mim.
- Leia a senhora – disse Eu.
- Não sei ler – falou ela.

Eu pediu que ela segurasse o flechilaite. “Os seus cabelos que sobre as costas ondeiam são que os de Apolo mais belos, nem de loura cor são, têm a cor da negra noite e com o branco do rosto fazem Marília um composto de mais formosa união”.

- Marília é a senhora?
- Antes não fosse.
- Mas a poesia diz que Marília não é loira.
- Pinteí. Fico melhor.
- Com essa, já me voy – despediu-se Eu. alidades em que o evento

Desafie os alunos a escrever um final para essa aventura. Peça que mante-nham o gênero realismo fantástico e que ilustrem com a cópia de uma xilogravura pesquisada na internet ou em materiais impressos. Depois, solicite que apresentem e leiam a produção para os colegas.

Depois da leitura

A história termina com um convite:

*Aqui suspendo esta história. Se você souber como terminar, **acesse este link** e deixe uma men-sagem para Eu ou Ele. Somos a mesma pessoa.*